



Identidade do índio preocupa

Índio busca espaço para autonomia e cidadania

Um dos líderes da causa indígena mais reconhecidos em todo o mundo, o vice-presidente da Fundação Indígena Internacional (entidade diretamente ligada à Organização das Nações Unidas), Marcos Terena, afirma que é cada vez mais urgente a necessidade de se mudar a forma de tratamento da sobrevivência dos índios brasileiros que está sendo dada hoje no Brasil. Terena, que também é coordenador do Comitê Inter-Tribal, defende a autonomia para as tribos indígenas no Brasil para que elas possam viver dentro de sua cultura e tradições. O presidente da Fundação Indígena quer aproveitar a Eco 92, marcada para o Rio de Janeiro (RJ) no próximo ano, para que os índios de todo o mundo enviem representantes ao País para mostrar a todo o mundo a realidade vivida hoje por eles e como estas tribos souberam, durante toda sua história, conciliar exploração do meio ambiente e respeito à natureza. Nesta entrevista ao JORNAL DE OPINIÃO, Marcos Terena explica ainda como o índio brasileiro está conseguindo sobreviver diante de tantas situações adversas e porque o governo não consegue implementar programas eficazes para sua proteção.

(Página 10).

Terena: índio deve ser tratado com mais dignidade por toda a sociedade

Quais são as principais frentes de luta e reivindicações das nações indígenas hoje?

Hoje a população indígena, de maneira geral, está lutando ainda pela demarcação de suas terras. Temos, porém, questões mais prioritárias como a demarcação do território Yanomami e a luta pela sobrevivência social e econômica do povo Kaióá do Mato Grosso do Sul. Estamos tentando ainda participar do programa da Organização das Nações Unidas sobre ecologia em 1992 no Rio.

Como se daria essa participação?

Estamos programando através do Comitê Inter-Tribal 500 Anos, a participação de 400 índios. Uma das formas é que 15 dias antes da Eco 92, este grupo de índios estará no Rio de Janeiro (onde pre-

Vice-presidente do Conselho Indígena Internacional (entidade ligada à ONU) quer o índio com autonomia

Mozahir Salomão

O Governo precisa definir com urgência uma política mais digna e decente de proteção às nações indígenas e também, de sua cultura e valores, bem como de suas terras. A afirmação é de Marcos Terena, fundador da União das Tribos Indígenas, vice-presidente do Conselho Indígena Internacional (ligado à Organização das Nações Unidas) e ainda coordenador-geral do Comitê Inter-Tribal 500 Anos. Um dos mais combativos líderes do movimento indígena no Brasil, Marcos Terena, nascido entre os índios da tribo Terena, do Mato Grosso do Sul, tem seu trabalho reconhecido hoje internacionalmente. Por isso mesmo foi escolhido para ser o vice-presidente do Conselho Indígena ligado à ONU e que tem sede em Genebra. Nesta entrevista ao JORNAL DE OPINIÃO, ele analisa a situação

hoje das 180 nações indígenas que existem no Brasil. Fala sobre o drama vivido pelos Kaióá do Mato Grosso do Sul (MS), onde tem crescido o número de suicídios. Marcos Terena revela que o movimento indígena estuda as melhores maneiras possíveis de os índios participarem em 1992 no Rio de Janeiro da Eco 92, promoção que vai discutir e formular propostas para uma melhor proteção ao meio ambiente na Terra. O coordenador do Comitê Inter-Tribal 500 Anos define este, como um momento muito oportuno para mostrar às autoridades, ao homem branco e mesmo às nações indígenas que, nestes 500 anos de colonização o índio perdeu muito de sua autonomia, de seu poder de auto-sustentação e que esta situação tem que mudar de uma vez por todas.

Só que esqueceram de prepará-los para os avanços econômicos da região. Hoje, a cidade de Dourados praticamente está invadindo a terra dos Kaióá e eles perderam todo o referencial cultural, todo o poder de auto-sustentação e passaram a suicidar. Nós acreditamos que esses suicídios são uma forma de dizer "não queremos continuar vivendo para sofrer; porque não somos nem Kaióá nem conseguimos ser brancos". É preciso que o Governo atente para isso, criando um programa de assistência à saúde, recuperação cultural e psicológica. Se não houver este trabalho conjunto, os Kaióá vão continuar se matando até a extinção total. Isso, acho que a sociedade brasileira não pode aceitar.

É possível conciliar preservação do meio ambiente e exploração econômica da natureza pelas nações indígenas?

Hoje em dia, exatamente porque os índios sempre apanharam enquanto eram preservados, nós estamos trabalhando a possibilidade de eles serem do ponto de vista econômico - tecnologicamente fortes também, para que possam usufruir do que a terra dá, mas em outros parâmetros, de igual para igual com o homem branco. A gente acredita que com a experiência da preservação, e com o aprendizado dos valores econômicos e comerciais que o homem branco

Índio quer maior convivência com o branco e provar amor à natureza

tendemos nos instalar com cabanas e tudo mais) e esta presença não será apenas de índios brasileiros, mas de representantes de tribos de outros países também. Já estamos visitando aqui no Brasil diversas tribos para que os índios nos informem e nos forneçam subsídios para a discussão que teremos no ano que vem. Estamos colhendo dados sobre como está o processo de devastação e destruição da natureza que serve aquela comunidade e como tudo era antes desta destruição acontecer. É bom lembrar que o projeto da ONU não é só preservação do meio ambiente, é desenvolvimento também.

Você é vice-presidente do Conselho Indígena da ONU. Que tipo de trabalho é desenvolvido por este Conselho?

O trabalho junto à ONU é de assessoria e informação. A ONU trabalha com nações. Na realidade, o Conselho não faz parte do organograma da Organização, mas exatamente em função do Plano de Meio Ambiente e Desenvolvimento que a ONU tem, é que existe este órgão. Ele tem caráter internacional e presta assessoria tanto para as comunidades indígenas sobre seus direitos perante a ONU, como à própria ONU sobre como está a questão indígena hoje, nos diversos países que compõem a Organização.

É possível traçar um perfil do índio brasileiro hoje?

As populações indígenas no Brasil somam hoje 240 mil pessoas. Só não temos a presença indígena em dois Estados: Piauí e Rio Grande do Norte. São, ao todo, 180 tribos e mais de 160 línguas. Por isso mesmo que uma das nossas preocupações em relação a Eco 92 é mostrar para a sociedade branca que os índios querem uma convivência de harmonia e de defesa do território brasileiro, principalmente as suas riquezas que estão concentradas na região amazônica e em outras regiões importantes. O que observamos é que existe no Brasil uma população urbana muito carente e pobre. Mas nós temos riquezas que outros países não têm. Por isso é que a população indígena vai tentar conscientizar o homem branco so-

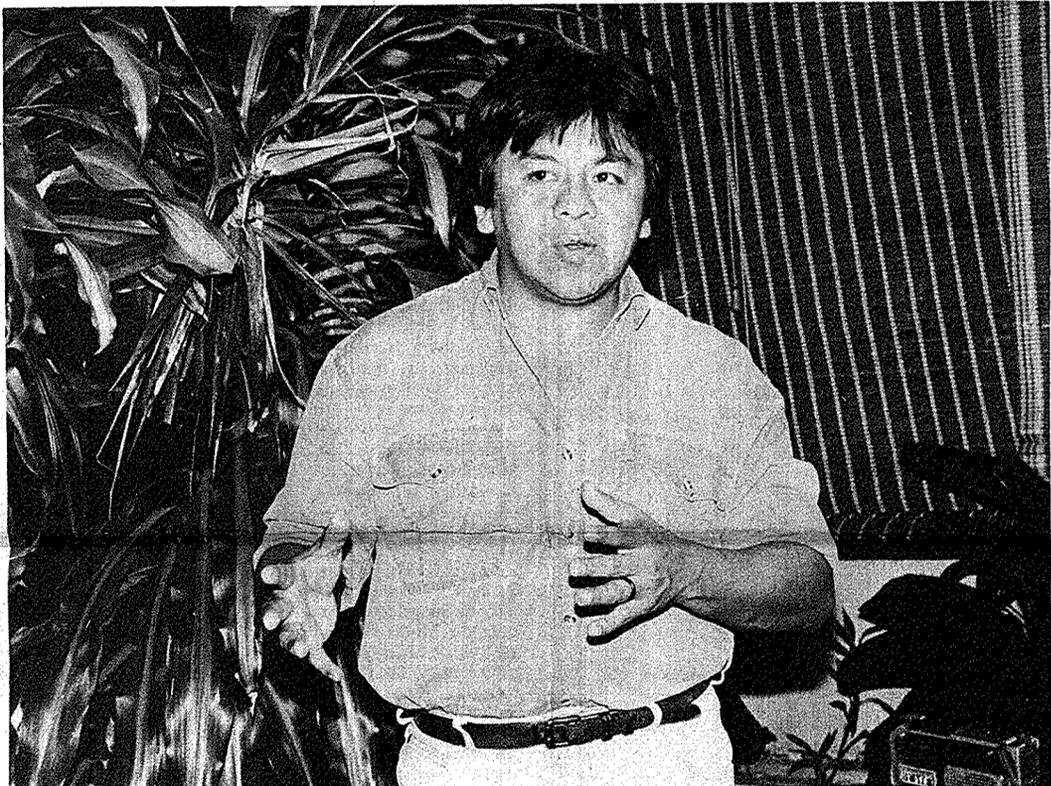


Foto: Taninho Almeida

bre as riquezas naturais que o Brasil possui.

Como está hoje o processo de socialização do índio no Brasil?

Houve um tempo em que se achava que o simples fato de demarcar um território, criando uma reserva indígena, era o suficiente para preservar o índio dos avanços econômicos e do chamado desenvolvimento nacional. Mas, o que constatamos é que apesar de todo o aspecto protecionista

que acontece à sua volta para poder ter mecanismos maiores de defesa da sua sobrevivência cultural.

O Governo sempre lista uma série de dificuldades para solucionar questões ligadas aos índios que nem tão difíceis parecem. Que tipos de pressão você acredita que o Governo recebe para adiar ou mesmo não tomar essas decisões?

Não só este de agora, mas como os governos anteriores também, são muitos pressionados por um ponto de vista estratégico-militar, por um lado. Por outro lado, está a pressão de grupos econômicos, a necessidade apresentada por empresas que querem atuar naquela região. Quando isso ocorre, os prejudicados são sempre os índios. O que temos que provar ao Governo é que da mesma forma como resistimos 500 anos, que estamos vivos, mantendo a proteção ambiental de nossos territórios, nós podemos fazer com que isso seja útil para a população brasileira.

Como será possível solucionar o grave problema dos Kaióá?

O processo dos Kaióá é um exemplo que estávamos falando. Eles foram contactados e houve todo um processo de descaracterização. Puseram roupas neles, uma nova doutrina religiosa e disseram que este era um mundo melhor, o do lado ci-

Povo não deve só ser preservado: deve saber o que se passa à sua volta

Todos os governos são pressionados e não conseguem resolver problemas

A existência de tantas nações e também este grande número de línguas diferentes, não dificulta uma luta unificada para os índios pelos seus direitos? Não dificulta porque o objetivo do movimento indígena não é massificar as populações indígenas como aconteceu anteriormente, quando algumas pessoas que trabalharam com os índios fizeram. Nosso objetivo é o oposto. Existem 180 nações e o que queremos é que os índios deixem de ser para o homem branco apenas uma imagem genérica e se torne maxacali, carajá, xavante... Enfim, que seja reforçada esta diferença étnica que existe. Porque é isso que reforça também o orgulho brasileiro de ser um país multi-racial. Acreditamos que, quando nosso índio tiver essa consciência da diferença étnica e se sentir xavante, maxacali ou qualquer tribo que seja, ele também vai poder se sentir como qualquer estrangeiro - como se sentem os alemães, os japoneses, os portugueses que vivem em suas colônias - convivendo em harmonia com a sociedade brasileira, se sentindo brasileiro, mas sem estar dissociado de todo processo político, social e econômico que envolve o País. Este é o exemplo que nós queremos. O importante é manter a autonomia de cada nação indígena para ela saber, inclusive, o que é melhor para si.

Puseram roupas neles e disseram que viviam num mundo bem melhor

prática, poderemos conciliar a questão da ciência e tecnologia com a preservação do meio ambiente.

O que é necessário fazer, com termos estruturais, para que seja resolvida a questão indígena?

Em primeiro lugar, nós não estamos de acordo com o projeto do Governo Collor, de transferir a questão da saúde indígena para o Ministério da Saúde, a educação indígena para o Ministério da Educação e da sobrevivência econômica dentro das aldeias para o Ministério da Agricultura. As comunidades indígenas vivem seu cotidiano de forma tribal e tradicional. Isso quer dizer que não podemos fazer um plano de trabalho, por exemplo, para os índios de Minas Gerais, como se fosse para os índios do Sul ou Nordeste. Ao mesmo tempo, os índios não podem ser encaixotados nos programas do SUS, nas filas do INPS, nos Mobrais e nem nos assentamentos que não são feitos nem para o homem branco, quanto mais para os índios. Então, a proposta que levantamos junto a este Governo é de que ele trate os índios com dignidade, inclusive na relação de assistência, criando uma secretaria especial do índio, diretamente ligada a ele, da mesma forma como foi criada para o meio ambiente, outra para a cultura e esportiva. Se o índio é o primeiro morador desta terra, é o dono da terra, e graças a relação espiritual que ele manteve com a natureza até agora, se preservou tudo o que o Brasil tem, acho que o índio deveria ser tratado com mais dignidade não só pelo Governo mas como por toda sociedade.